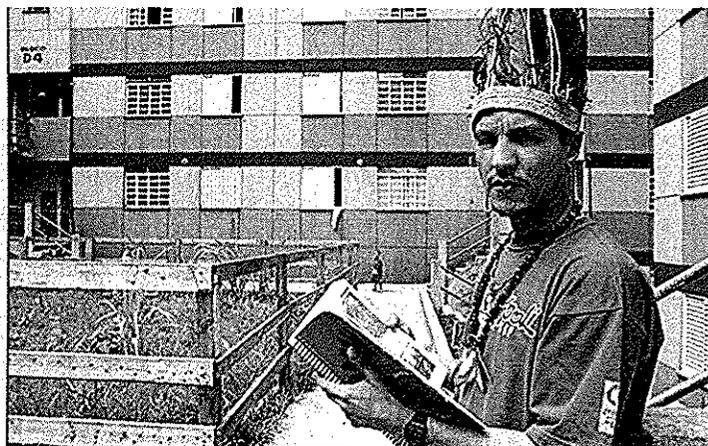


## Calouros de várias tribos

O jovem da foto ao lado, Adilson Barros da Silva, 30 anos, sequer sonhava com a universidade. Índio pancararu do interior de Pernambuco, que imigrou para São Paulo, ele vive em um conjunto habitacional na zona sul da metrópole e, como muitos parentes, estudou precariamente e não tinha dinheiro sequer para prestar o vestibular.

Ao perceber que histórias como a de Adilson eram comuns entre os 950 pancararus residentes na Grande São Paulo, os índios resolveram fazer algo. A Associação SOS Pancararu conseguiu bolsas para



32 pancararus e dois guaranis em um cursinho comunitário. Todos prestaram o difícil vestibular da USP. Não passaram. Não foi por falta de esforço, afirma Frederico Pancararu, presidente da associação: "Eles ficaram inibidos sem nenhum parente por perto".

Foi então que a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) permitiu que todos fizessem a prova

juntos e ofereceu bolsas aos aprovados. Dos 24 pancararus, 3 guaranis e 1 xavante que fizeram as provas, 18 pancararus e todos os guaranis foram aprovados. A maior parte, em cursos de licenciatura, para dar aulas aos seu povo. Adilson vai cursar contabilidade. Brinca que depois de formado vai fiscalizar as contas da Fundação Nacional do Índio.

## Respeito a culturas é fundamental

Respeito por culturas diferentes é algo que a antropóloga Lúcia Helena



Rangel (foto) cultivou ao longo de mais de 25 anos estudando povos indígenas brasileiros. Por isso, coube a ela coordenar o programa de adaptação dos índios aprovados na PUC-SP ao ambiente acadêmico. Lúcia formou-se em ciências sociais e especializou-se na pós-graduação. "Depois disso,

rodei o país: Rondônia, Acre, Mato Grosso." O que mais a fascinou nessas andanças foi conhecer culturas tão diferentes entre si e tão diversas do Brasil que conhecia. Lúcia diz que trabalhar com índios seduz pelo exotismo, mas só segue na profissão quem aprende a gostar de viver do jeito deles.